

O JORNAL

Publica-se no 1.º, e 15 de cada mez }
 Assigna-se na Typographia onde se }
 imprime, e mais lojas do costume. }

Assignatura por tres mezes —
 200: — Avulso 40 reis.

SEGUNDA FEIRA 1 DE JULHO.

CONSERVATORIO DRAMATICO.

Ainda está por decidir o importante objecto que occupou a ultima secção do Conservatorio, e assaz de tempo ha decorrido sem que aquella assemblea tenha tornado a reunir-se. — Pro-veito para os candidatos, que bem terão curado em o não dis- perdiçar: oxalá tambem que nes- se intervallo tenham os juizes lit- terarios pensado maduramente nos quesitos, que mais impen- dem a quem haja de exercer as difficeis funcções de — *Mestre de Historia Geral, especialmente de Portugal, applicada á Arte Dramatica.*

Tal é a Cadeira á qual concor- reram os Snr.º — *Seixas*, — *Monteiro*, — e *Silva Leal*. — Todos estes senhores deram uma amostra em seus discursos do es- tudo particular que fiseram na sciencia que aspiram a ler; ne- nhum juizo todavia emittiremos á cerca do particular meredi- cimento de cada um dos candida- tos, pois que a demanda ainda está pendente, e não queremos prejudicar a nenhuma das par- tes.

Philosophar sobre a historia geral do universo; discursar so- bre as analogias e contrastes que ella appresenta nos diversos pai- zes; remontar ás causas dos a- contecimentos notaveis, e dessas analogias e contrastes; conver- gir em resumidos quadros toda a historia do mundo, anno per anno, epocha per epocha, de maneira que se possa abraçar com uma só vista, bem como em um desenho de pequena su- perficie se abarcam muitas légo- as de extensão; notar os usos,

costumes, vestuários, vícios e virtudes, proprios de cada tem- po, de cada região... eis uma pequena parte do que se requer para ser um bom mestre d'his- toria.

Resumida noticia da vida de D. N. A. P. de M., sexto Duque de Cadaval. (Continuado do N.º 3.º)

Na obra não desmerece o A. a ele- gancia e pureza de estylo demonstra- da nos §§. transcriptos do prólogo.

Eis-qui aquelle por onde começa — "Nascer em tempo adequado ao fim d'elle, não depende do homem: tem, com tudo, na felicidade ou infelici- dade da vida humana, muito grave importancia. Nasce, e vive, em dias serenos um homem de disposições or- dinarias; logra na sua carreira mui- ta satisfação, e talvez adquiere largo credito e primoroso; em quanto ou- tro, nascido com talentos e propen- sões superiores ao vulgar, mas em epo- cha de dias maus, não prova mais do que contrateitos e tribulações, e acaba, senão desconhecido, ao me- nos mal conhecido dos seus contem- poraneos. Quantos serão representa- dos na Historia com aureola brilhan- te, que a devem só, ou principal- mente a devem, á felicidade dos tem- pos! A quantos tira a desgraça dos tempos o que em rigor era devido a egregias prendas e raras virtudes! Pon- deração triste, mas verdadeira; pe- la qual todo o intendmento reflecti- do alcança facilmente, como é incer- ta e precaria a felicidade sobre a ter- ra, e a que descontos é subjeita a fan- tastica illusão (com tudo tão namo- rada!) que se chama gloria huma- na."

Trasladando este §, não podemos deixar de louvar outra vez o escriptor, nem resistir a copiar inda os seguin- tes, nos quaes, com tanta perspicui- dade como concisão, appresenta a no- bilissima origem, e clara sanguinida- de do Duque. — Diz pois o A. (pag. 8) =:

"A Familia de Bragança e a de Ca- daval vêm do mesmo venerando tron-

co; sem mais differença, que a de primeiro e segundo ramo. O Duque de Bragança D. Fernando II e o fun- dador da baza de Cadaval, o Senhor D. Alvaro (que assim é nomeado nas nossas Historias) eram legitimos ir- mãos, e bisnetos, pelo Duque D. Affonso e sua mulher D. Brites Pe- reira, d'El-Rei D. João 1.º e do gran- de Condestavel D. Nuno Alvares Pe- reira. Sobre-sahiu a Casa de Bragan- ça em razão da sua primogenitura e de allianças contrahidas com a legiti- ma linha reinante, pelas quaes ad- quiriui e assegurou o direito realzado em 1640. D'este realce com tudo cou- be tambem parte á Casa de Cadaval, pelo casamento (com posteridade que ainda se continua) de D. Francisco de Melo segundo Marquez de Ferrei- ra, neto do Senhor D. Alvaro, com D. Eugénia de Bragança filha do Duque D. Jaime, legitimo neto do Infante D. Fernando, e sobrinho le- gitimo d'El-Rei D. Manoel. E se de- tão claias e relevantes allianças se lhe não offereceu no Reino outra oc- casião, fóra do Reino contrahiu ca- zamentos nas familias da mais anti- ga e remontada nobreza, como as de Altamira, Tavora e Lorena; cu- jo alto esplendor veio reunir-se com o de Bragança na Casa de Cadaval.

De tão luzida Casa foi (contando desde o fundador) decimo represen- tante e sempre por varonia, D. Mi- guel Caetano Alvares Pereira de Mel- lo, quinto Duque de Cadaval, oita- vo Marquez de Ferreira, nono Con- de de Tentugal, filho do quarto Du- que, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e de D. Leonor de Tavora, dos Condes de S. Vicente. Ficou o Duque D. Miguel por morte de seu pai, em minoridade: o negocio t- rem do seu casamento, sem embargo dos descidos e talvez desmanchos, que costumam trazer consigo as me- noridades, veio a ser encamilhado com a bem succedida prudencia, que em taes materias acompanhou constante- mente as determinações d'aquella Fa- milia; e no anno de 1791 cazou o Du- que com D. Maria Magdalena Hen- riqueta Carlota Emilia de Montmo- rency Luxembourg, filha legitima do Duque de Viney Luxembourg e de Chatillon, e terceira netta do celebre

Marechal de Luxembourg, que sustentou a gloria das armas d'El-Rei Luiz XIV contra a sagacidade e incansavel perseverança do Principe d'Orange; Senhora de raro aviso, e de tão singulares prendas, que o menos dote, que neste consorcio levou á Casa de Cadaval, foi o luzimento de tão distincto appellido.

Nasceu d'este consorcio o Duque D. Nuno aos 7 d'Abril de 1799.

Mas com tantas bellezas d'estilo e de frase, tal é a mescla bastarda que se tem introduzido em nossa linguagem, que não escapa ao *gallicismo*, e *francismo* uma tão pequena obra de tão bom A.!! — Isto affirmamos, por que, ou muito nos enganamos, ou por certo essa tacha merece, a frase = *ao contrario* no sentido em que della usa a pag. 13 = *Poderam ter ao menos navegação macia, e breve: mas foi, ao contrario, cançada, e trabalhosa...*; e a pag. 55 = *Os mais ardentes e insofridos recusavam toda a dilação...* Ao contrario os mais repousados, e reflexivos...; e em outros varios logares se achá este *au contraire*, *bordão* Gascão. &c. —

Gallicismo porem intolleravel, e geralmente havido por tal é o que se nota a pag. 23, onde tendo falado da volta do Duque a Lisboa em 1816, e da preferencia de viver no campo a viver na Cidade diz = Quanto mais que o Duque possuia nobres quintas: ... é de resto era lograr repouso... &c. Quem dirá do B. de Vizeu este de resto?

Não é menos de censurar o excessivo e repetidissimo emprego dos terminos *precate*, *precatado*, *precata-da*, *repouso*, ou *repouso*, *repousado*. &c.

Isto com tudo são bagatellas, que a incuria, ou a mesma natureza humana rara vez consente, que todas possam acantellar-se.

Muito e incomparavelmente muito para notar é a referencia, que o A. para prova da constante lealdade dos Duques de Cadaval faz a pag. 57 aos passados tempos, quando diz:

« Pela terceira vez a mesma linha-gem e o mesmo nome foram chamados a servir o Rei, e a Patria em circumstancias de grande apuro, mas não d'igual difficuldade. O grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira seryiu e ajudou o Mestre d'Aviz, que veio a ser El-Rei D. João I.º: E o 1.º Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, serviu o Infante D. Pedro, que vencidas as contingencias a que a enfermidade de seu irmão, e as ambições, que della se valiam, trouxeram á Patria e á Monarchia, veio a ser el-rei D. Pedro II.º: o 6.º duque D. N. C. A. P. de M. serviu o infante Regente, que sem embargo de muitas e muito poderosas considerações veio a ser el-rei D. Miguel I.º —

Se ha cousa duvidosa em ponto his-

torico é o direito de D. João 1.º; e nem é preciso recorrer aos historiadores estranhos, que mais desenvoltos falam; na nossa propria terra não falta quem de usurpador o alconhe ainda. Quanto a D. Pedro II melhor convem que fiquemos em silencio. — O certo é que tantos seculos decorridos consumaram os direitos de suas descendencias: mas a respeito da legitimidade de suas pessoas em referencia aos partidos relativamente opostos!! — Pelo amor de Deus! os seus fautores podiam ser valorosos, magnanimos, invenciveis, podiam ser tudo, e tudo seriam; excepto exemplo de puritanos legitimistas.

Mau serviço fez pois o A á memoria do D. de Cadaval nesta sua desgraçadissima recordação; ou por demasiado sublime lhe não entendemos a logica.

Nem com mais fortuna a nossó ver discorre quando menciona, que o Duque de Lafões fôra pela Regencia de 1826 deputado a El-Rei D. Pedro IV por que sendo o Duque um dos Regentes, acaso não reconheceu elle por mais este facto quem era o rei por quem estava? E como tendo-o assim reconhecido lhe era licito mudar, e ajudar a levantar outro, fosse este quem quer que fosse.

Mais miseramente (pg. 43) o A. memora, e nem podia escurecer, que o Duque foi e exerceu a mais elevada dignidade constituida, pela Carta como Presidente da Camara dos Pares; e (pg. 51) convem, e nem podia deixar de convir, que muitos esperavam, que não atraçoaria como atraçoou os principios, que tão alto o haviam collocado. A isto equivallem as seguintes expressões: «

» Desembarcou o Infante em Lisboa a 22 de Fevereiro de 1828. Foi recebido, reverenciado, e seguido, com sincero, e pleno contentamento de todos os que um partido contrario não tornava seus inimigos. Não faltou em se pôr a seu lado a Nobreza, e em frente d'ella o Duque de Cadaval; a quem o Infante mostrou presar, e aproveitar. Entrou a vacillar toda a Fabrica Revolucionaria; e bem se inferre, que se o Presidente da Camara dos Pares não ajudou, ao menos não pôz esforço por impedir a convulsão. Não faltou pessoa, aliás entendida, e grave, que ajuizasse sem esconder o seu juizo, que o Duque ajudaria a sustentar a nova ordem politica do Reino, por não perder as distincções insignes da Presidencia: mas o seu juizo ficou agora claramente refutado. =»

Não tractemos de politica: tratemos de logica; e quem for imparcial diga, se pode com taes discursos defender-se o duque de versatil. Mau advogado em nosso intender é este A., que escrevendo o que lhe parece, substituindo o facto ao direito, cuida de senredar-se da rede que para si mesmo fabricou desnecessariamente; para lou-

var o Duque não precisava ostentar este lado do quadro

O A. pois pertendendo por tal modo elogiar o duque, só o crimina: arte fora por tanto a ommissão de taes particulares.

E por certo reconheceu o duque por seu legitimo rei o Sr. D. Pedro IV; reconheceu, que elle tinha authoridade para promulgar a Carta Constitucional, que, como outra qualquer Lei passou pela chancellaria; aceitou e exerceu a mais preeminente graduação, que por ella lhe podia ser conferida: e depois, e sem nenhum motivo superveniente figurou a pró de d. miguel como o mesmo A. refere. Eserá este o homem d'uma só fé?

Desde a publicação da Carta o Marquez de Chaves, Magessi, e outros contra esse Governo se levantaram. Si lhe não fossem favoraveis os acontecimentos, teriam de soffrer a pena dos rebeldes. Mas elles não esperaram esses acontecimentos para se determinar; elles não quizeram servir a dous senhores, como o duque; e ainda no peor partido a constancia é respeitavel.

Nós não somos nem fanaticos, nem freneticos; e por isso longe estamos d'acoiar aquelle que sabe em propria utilidade regular-se pelas circumstancias maiormente em tempos tão arriscados. (Concluir-se-ha.)

O CERCO DE CORINTHO.

Poema de Lord Byron, traduzido em verso portuguez — per Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho — Imprensa Commercial do Porto. — Folheto em 8.º — 44 pag.

Uma traducção em verso de qualquer das Poesias de Lord Byron é cousa tão propria a estimular a curiosidade e o interesse, que, tendo nós lido muito á pressa a obra de que se tracta, não podemos deixar de alguma cousa dizer ja a seu respeito; promettendo de voltar ao assumpto, quando mais de espaço a houvermos cotejado com o original.

Mostrou o *Traductor* nobre ousadia, e consciencia de forças emprehendendo tão arriscado trabalho, mas o resultado coroou a sua diligencia, pelo menos no que toca ao mecanismo da poezia, que da fidelidade da versão ainda não podemos falar. —

Rica de selectos e variados termos, bella na pureza e copia de phrases, propria na escolha dos epithetos, imitativa e *enargueica* nas descripções, é esta versão uma das melhores de que temos noticia, e muito mais lhe sobe o valor pola difficuldade do empenho.

Alguns versos — talvez por muito limados — descahem no brande e froixo, e, entre a phrase muito classica e elevada de que usa, lembra-nos que vimos um — *indemnizar*, que se não casa muito com a solemnidade do assumpto, pois que é um termo por extremo *interessado* e sem magestade.

E nas descripções que o traductor

mostra quanto vale; toma então a poesia um natural, que, dando-lhe ori-

ginalidade, lhe tira todos os visos de traducção. O seguinte fragmento ser-

virá para justificar nesta parte o nosso juízo. —

„E' meia-noite: a fria lua ostenta
O disco inteiro, e amplo fulgor diffunde
A contrastar co'a sombra das montanhas;
Traja d'azul o mar, d'azul se veste
O firmamento, este suspenso oceano,
Todo cravado d'ilhas que refulgem
Lá tão remotas com ardor tão vivo:
E quem, quem póde attento contempla-las,
E repacer depois os olhos tristes
No valle dos mortaes, sem que apeteça
Voar e unir-se para sempre a ellas?
Dormem as ondas n'uma praia e n'outra,
Placidas e ceruleas como os ares,
Só de leve as areas roça a espuma,
Com murmurinho igual ao de um regato.
Os ventos se recostam sobre as ondas;
E das hastes ao longo quietas pendem,
Em pregas conchegando-se, as bandeiras,
Que remata arci-fulgido crescente.
Nada interrompe esta mudez profunda,
Senão alem a voz da sentinella
Reproduzindo a senha, ou lá mais longe
Relincho de corceis agudo e crebro,
Ou eccos que respondem dos outeiros,
Ou da hoste bravía o rumor vasto,
Que semelhante ao de agitadas folhas
Alongando-se vai de praia a praia,
Ou preces usuaes que á meia-noite
Levanta o Muezzin, rasgando os ares

Co'a lamentosa garganteada lóu,
Qual spirito que vaga na planicie:
Melodicos accentos, mas prantivos,
Quaes os produz o vento, que passando,
Encontra as cordas de sonoras harpas,
E extrahе descompassadas harmonias,
Que não conhece o menestrel mundano.
Este som se affigura aos sitiados
Grito agoureiro da infallivel queda;
Elle fere no ouvido aos sitiadores
Como indicio aziago e pavoroso,
Repentina toada indefinivel,
Que os corações lhes paralisa agora,
E logo os faz pulsar mui appressados,
Co'a vergonha de haver surdido n'elles
Tão desusada sensação furtiva:
Dest'arte o sino apreguador da morte
Nos sobresalta de repente ouvido,
Inda que seja em funeral d'estranhos.

N. B. — Não temos a satisfação de conhecer o Traductor, nem sabemos sequer a que escalla da sociedade pertença; conhecemos a sua producção, e só ella é que nos dictou a que acima escrevemos: somos-lhe gratos pelo bem que faz á litteratura, passando condignamente para o nosso idioma, e repartindo com todos os portuguezes as grandes riquezas de poesia e imaginação do GRANDE BARDO. — Oxalá não seja esta a ultima traducção de Byron. (*)

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA.

E' a *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* uma d'aquellas, que, devidas ao amor da sciencia e da humanidade, e escoradas na prudencia e porfia, promettem desde o seu começo consequências de proveito. — Foi instituida no dia 21 de Julho de 1835, data que o seu memoravel anniversario facilmente mnemonisa; são os seus fins — O progresso da Pharmacia em toda a sua extenção; — tudo o que nos limittes da sciencia fôr concernente á saude publica; — Sustentar e defender per todos os meios legais o credito e dignidade pharmaceutica de seus membros; — soccorrel-os, quando o hajam mister, ou suas viúvas, e filhos.

Conta esta Associação no seu gremio muitos sabios portuguezes, hespanhoes, francezes, italianos, inglezes americanos &c. e não só os que se dedicam ao ramo estritamente pharmaceutico, mas ainda os que mais avultam em outras sciencias, e que teem em muito fazer parte de tão respeitavel corporação. — O venerando Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz, O Visconde de Villarinho, o Doutor Agostinho Albano da Silveira Pinto, alguns professores das Escolas Medica, e Polytechnica de Lisboa, e muitas outras notabilidades que seria prolixo enumerar, são Socios Honorarios da mesma Corporação.

Comprehenderam bem os Socios que a formam o pensamento da sua instalação, pois que, alheios a todas as

cousas que não tendam aos progressos da pharmacia, só uma idea alimentam, e querem realisar — o adiantamento da sua sciencia. — E para esse adiantamento teem concorrido: por ahí correm as suas representações, analyses, observações, escriptos, e discussões, que lhes teem grangeado a estima publica, e os elogios dos sabios (como bem refere no seu relatório o segundo Secretario da Assembléa Antonio de Carvalho) — As representações ao Governo sobre saude publica tem concorrido para extirpação d'abusos, e prejuizos, e alguns males teem evitado — Tem-se dado a Sociedade á analyse de muitas substancias, especialmente *agóas mineraes* — objecto que bem pouco tem sido cultivado entre nós, talvez pela difficuldade que envolve.

O seu *Periodico*, com quanto nem sempre abunde de cousas novas é geralmente bem redigido, e só póde condemnar-se a sua irregularidade.

Finalmente esta instituição pode vir a ser de grande utilidade si progredir nos seus trabalhos chymicos, procurando generalisar um ramo de sciencia que entre nós é bem desconhecido: chamaremos tambem a attenção da Sociedade sobre a Chymica vegetal, não só pola connexão que tem com a pharmacia, mas polo abandono em que se acha no nosso paiz esta importante parte da sciencia.

REVISTA THEATRAL

RUA DOS CONDES. — O *Emparedado*, drama original portuguez em 3 actos: O *Banqueiro de Francfort* ou *A E-*

leição de Carlos 5.º grande drama em 5 actos, traduzido do francez; O *Poltrão*, farsa em um acto, igualmente tradusida; — eis as peças novas que nos deu aquelle theatros nestes ultimos quinze dias.

Tendo de falar do *Emparedado* nos avexa ainda esta vez a obrigação, que nos imposémos, de banir dos nossos escriptos a adulação, ou a acrimonia, e exprimir francamente a nossa humilde opinião a cerca das producções litterarias; salve-nos porem o declarar-nos, que nossas criticas nunca reflectem nos auctores, e só quando louvamos os confundimos com as suas obras.

O *Emparedado* ou *A Constancia na Vingança* foi originariamente um drama em 5 actos; reduzido a trez, ficaram-lhe vestigios de mutilação em muitas partes: algumas transições demasiadamente rapidas, e que deixam perceber lacunas, mostram bem que, emendar, ou alterar o primeiro pensamento de uma obra, é amesquinhal-a, e tirar-lhe o natural; todavia a opinião de muitos é que o drama ganhou com as correções; do que não podemos ajuizar, não o tendo lido no seu primeiro estado.

E' o seu titulo a primeira cousa que lhe atenua o interesse pois que deixa adivinhar, quando menos, a paixão que no drama predomina; qual quer individuo que lêsse nos Cartazes as personagens que nella figuram, e as combinasse com a epigraphe — *Cons-*

(*) Este poema acha-se unicamente á venda em Lisboa na Loja da Viúva Henriques — Rua Augusta N.º 1.

tancia na vingança, não era mister ser aruspice para lhe predizer o meio e o fim. — Igual senão se encontra no 1.º acto em cuja ultima scena o *Emparedado* declara, quasi sem mysterio, os seus projectos, os quaes ja pôdi am deprehender-se das palavras que Alvaro Pães profere na exposição. As scenas do povo são mui bem conduzidas, e produzem bastante effeito. — O 2.º acto procede friamente até á ultima scena da rainha como *Emparedado*, a qual é verdadeiramente dramatica. O comprido monologo de D. Leonor é cheio de trivialidades; ali se queixa a amante do conde Andeiro dos seus desgostos, e remorsos, e se admira de que haja quem pense, que o ouro e a purpura não cobrem senão alegria e felicidades.

é continúa [palavras formaes]: — “Tudo apparencia, e nada realidade!” — Falando continuamente nos remorsos, nem a presença do seu conde, por quem esmorece de amores, nem as expressões apaixonadas d'este, são capazes de a distrahir; e eis que lá vem segunda vez com a morte de D. Maria Telles, e com os seus remorsos de maneira, que mais parece uma *Magdalena*, do que uma *Cleopatra*. Além de se achar assim falsificado um caracter historico, um tão continuo remorso, que tanto se approxima do arrependimento, chega a interessar muito os espectadores em favor da adultera. — A scena em que vem a deputação do povo propor á rainha a sua abdicção, ou deposição, é impolitica, e talvez possa ser taxada de anarchica. No ultimo acto é para notar-se o monologo do *Emparedado*, logo immediato ao dialogo d'este com o Mestre d'Aviz; ali o falso monge se attribue modestamente toda a gloria do triumpho alcançado per aquelle principe, e o faz figurar como um instrumento subalterno da sua vingança. — A scena seguinte imita muito a do drama — *Catherina Howard*, na qual aquella ephemera rainha se confessa pela boca do seu algoz, do seu primeiro esposo. Não é muito lisonjeira para ser representada na presença da Rainha de Portugal uma scena, em que um homem manda, e faz prostrar a seus pés, uma rainha de Portugal.

A linguagem usada no drama é geralmente boa, e propria; e nelle se dá com muitas bellezas parciaes, que são abónos do talento do seu auctor.

É uma primeira obra; e, si não é perfeita, onde está o escriptor que incetasse a sua carreira per um modello de perfeição!

O *Banquero de Franfort* ou *A Leição de Carlos V.* é um drama bem enredado até ao 4.º acto: o 5.º parece que lhe é um appendice forçado; e tanto que muitos dos expectadores julgaram terminado o drama quando acabou o dito 4.º acto. — Além disto parece-nos ter-lhe descuberto um grave defeito na forma do envenenamento, que se suppõe ser com uma

coroa. Não julgamos que se possa imaginar veneno tão subtil (nem ainda o dos *Borgias*) que seja capaz de produzir um effeito mortal polo simples contrato com a pelle, e muito menos protegida esta com um tegumento tão massiso e volumoso como são os cabellos em uma mulher. — Na traducção ha gallicismos taes como — *Cheffe d'Obra*, e outros.

O *Poltrão* é uma soffrivel farça, e tem boa critica. —

S. CARLOS. — No dia 27 foi á Scena um novo *Bailéte*: tem bonitos vestuarios e os bailados são engraçados; é uma agradável dança de Verão. —

LITTERATURA DA RUSSIA (Continuado do Numero antecedente.)

Mouravieff mostrou bem qual o mister, e o caracter dos metropolitanos nos primeiros seculos da propagação do cristianismo em o Norte; esses metropolitanos de todas as Russias, que representaram per bem longo tracto a mesma unidade que hoje representa o Imperador, com quanto menos completa, pois comprehendia o temporal com o espiritual. Tratou o author esta importante materia com toda a sagacidade e profundeza de vistas que ella comportava.

Uma epocha mais chegada aos nossos dias, o reinado dessa famosa Imperatriz que *Voltaire* tinha chamado *le Grand*, e cujo nome é effectivamente um dos mais celebras que apparecem nas historias, foi para *Lefort* assumpto d'um trabalho de relevante interesse. Possuindo-se para o reinado de *Pedro Grande*, principio da reforma politica da Russia, uma obra sufficientemente extensa qual a de *Galibhoff*, nada havia para o, não menos digno d'attenção, de *Catherina 2.ª*; reinado que representa d'uma maneira tão singular o ingresso da civilização europeia na Russia. *Lefort* seguindo passo a passo os trabalhos de *Catherina*, e dos estadistas que a coadjuvaram no que ella soube prefazer; analisando os progressos da civilização, achou occasião de dar aos Franceses, e Alemães a parte que lhes cabe nessa evolução tão notavel do povo Russo.

Algumas palavras direi d'uma obra, que me parece ter sido tratada, com mais indifference do que o merecia, pela imprensa Russa: deve-se a *Terechenko* e tem por titulo — *Biographia dos Diplomatas Russos*. É um d'esses trabalhos executados com verdadeira consciencia, librando sobre pegos originaes pela maior parte desconhecidas. Os jornaes russos, sem curarem do fundo da obra, como ella o merecia olharam somente ao estylo, o qual estou bem longe de pertender justificar.

N'esta parte é o auctor demasiadamente desleixado, o que ainda mais avulta em materia como a diplomacia, que tanto requer a belleza de estylo,

e até pode dizer-se que por direito lhe compete; seria justiça todavia levar em conta a intelligencia, e perseverança empregadas para tirar d'entre o pó dos archivos um sem numero de preciosos documentos que ali jaziam ignorados, e dão agora a mais viva luz em muitas partes da historia. — Facilmente se concebe que essa biographia dos Diplomatas é, sob um titulo modesto, uma verdadeira historia da diplomacia russa.

Começa pela do mais antigo dos diplomatas d'aquelle imperio. — O padre *Demitri Mitay*, e termina pela do *Conde de Nesselrod*, actual ministro dos negocios estrangeiros.

A historia das colonias genovezas na *Crimca* per *Monrsakévitch* pertence tambem ao anno de 1838. — Sabido é, que os Genovezes pojaram na *Criméa* no Seculo 3.º, e ali fundaram a Cidade de *Kaffa* bem como outras muitas estações no mar Negro, e até no Caspio. Apesar dos ataques dos *Venizianos*, e dos *Tatares*, conservaram os estabelecimentos genovezes o seu esplendor por espaço de dois seculos nessas longinquoas, e, então inhospitas, regiões, onde mantiveram o monopolio do commercio. Foi só no decimo-quinto Seculo que essas colonias pereceram ás fortes mãos dos *Turcos*. Uma historia de tanto interesse como a da *Taurida* nessa epocha ainda não houve quem a tratasse com professo, e apenas alguns elementos se acham espalhados em relações de viajantes. — Novo motivo pois que mova a gratidão da Europa illustrada para com a nova escola historica da Russia, que nem por isso deixa de ser filha da grande escola europeia.

Ao governo se deve uma *Noticia das possessões russas transcaucasianas*, a qual, baseada em documentos officiaes, offerece dados de grande preço e totalmente ignorados até hoje. Esta obra é o resultado de uma expedição scientifica na *Georgia* provocada pelo *Conde Cancrini* ministro da fazenda.

Levada com grande cuidado e intelligencia, sette annos durou esta expedição, e vasto clarão espalhou sobre essas regiões, que hoje são objecto de tanto interesse. A geographia tanto destas provincias, como das que pertencem á Russia, ou das que simplesmente estão sob a sua tutela, as circumstancias relativas ás linhas de communicação, á industria, ao commercio, á litteratura, aos usos dos habitantes, formam a base d'este grande trabalho. (Concluir-se-ha)

N. B. Assigna-se no Porto Para este Periodico nas Lojas de livros de *Moré*, — *Novas* — e *Queiroz*.

LX.ª NA TYP. DE J. F. SAMPAIO
Pateo do Salama N.º 18.